

# **Liberdade 1880–1882**

Luiz Gama

OBRAS COMPLETAS

**volume 8**

**edição brasileira**© Hedra 2021  
**organização**© Bruno Rodrigues de Lima

**edição** Jorge Sallum  
**coedição** Suzana Salama  
**assistência editorial** Paulo Henrique Pompermaier  
**revisão** Renier Silva, Luiza Simões Pacheco  
**capa** Lucas Kröeff

**ISBN** 978-65-89705-16-1

**conselho editorial** Adriano Scatolin,  
Antonio Valverde,  
Caio Gagliardi,  
Jorge Sallum,  
Ricardo Valle,  
Tales Ab'Saber,  
Tâmis Parron

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

*Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil*

EDITORA HEDRA LTDA.  
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)  
05416-011 São Paulo SP Brasil  
Telefone/Fax +55 11 3097 8304  
editora@hedra.com.br  
www.hedra.com.br  
Foi feito o depósito legal.

# **Liberdade 1880–1882**

Luiz Gama

Bruno Rodrigues de Lima  
*(Organização, introdução, estabelecimento  
de texto, comentários e notas)*

1ª edição

**hedra**

São Paulo 2021

**Liberdade** abarca textos escritos por Luiz Gama entre 1880 e 1882, ano de sua morte. Registra o surgimento de uma literatura de combate que exigia a imediata abolição da escravidão. Apesar da recorrente temática abolicionista na obra de Gama, presente desde seus primeiros textos, é somente em 1880 que a campanha pela liberdade ganha um *corpus* textual específico, que também visava à garantia da educação e cidadania para os libertos: seu abolicionismo exigia cidadania e igualdade de fato e de direito. A importância desta reunião deve-se também ao fato de que o advogado refletia sobre o processo histórico em curso, e propunha soluções políticas para o tempo presente, revelando sua natureza intelectual até hoje pouco (re)conhecida.

**Luiz Gonzaga Pinto da Gama** nasceu livre em Salvador da Bahia no dia 21 de junho de 1830 e morreu na cidade de São Paulo, como herói da liberdade, em 24 de agosto de 1882. Filho de Luiza Mahin, africana livre, e de um fidalgo baiano cujo nome nunca revelou, Gama foi escravizado pelo próprio pai, na ausência da mãe, e vendido para o sul do país no dia 10 de novembro de 1840. Dos dez aos dezoito anos de idade, Gama viveu escravizado em São Paulo e, após conseguir provas de sua liberdade, fugiu do cativo e assentou praça como soldado (1848). Depois de seis anos de serviço militar (1854), Gama tornou-se escrivão de polícia e, em 1859, publicou suas *Primeiras trovas burlescas*, livro de poesias escrito sob o pseudônimo Getulino, que marcaria o seu ingresso na história da literatura brasileira. Desde o período em que era funcionário público, Gama redigiu, fundou e contribuiu com veículos de imprensa, tornando-se um dos principais jornalistas de seu tempo. Mas foi como advogado, posição que conquistou em dezembro de 1869, que escreveu a sua obra magna, a luta contra a escravidão por dentro do direito, que resultou no feito assombroso — sem precedentes no abolicionismo mundial — de conferir a liberdade para aproximadamente 750 pessoas através das lutas nos tribunais.

**Bruno Rodrigues de Lima** é advogado e historiador do direito, graduado em Direito pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB-Cabula), mestre em Direito, Estado e Constituição pela Universidade de Brasília (UNB) e doutorando em História do Direito pela Universidade de Frankfurt, Alemanha, com tese sobre a obra jurídica de Luiz Gama. Trabalha em Frankfurt, no Instituto Max Planck de História do Direito e Teoria do Direito. Pela EDUFBA, publicou o livro *Lama & Sangue – Bahia 1926* (2018).

## Sumário

Apresentação das obras completas . . . . .	9
Introdução, <i>por Bruno Rodrigues de Lima</i> . . . . .	15
Lista de abreviaturas . . . . .	53
<b>I</b> <b>UMA AUTOBIOGRAFIA.</b> . . . . .	<b>.55</b>
» 1      Sem sacrilégio: um bilhete à guisa de prólogo . . . . .	57
» 2      Minha vida . . . . .	59
» 3      Minha mãe . . . . .	69
» 4      Luiz Gama por Lúcio de Mendonça . . . . .	73
<b>II</b> <b>IRMÃO AFRO.</b> . . . . .	<b>.85</b>
» 1      Quem te viu, quem te vê . . . . .	87
<b>III</b> <b>TRÊS SPARTACUS E UM JOHN BROWN.</b> . . . . .	<b>.101</b>
» 1      Aos homens da ordem . . . . .	103
» 2      A questão de raças . . . . .	105
» 3      Neste país não é permitido ao negro se divertir . . . . .	107
» 4      A preta Brandina . . . . .	109
<b>IV</b> <b>O TÚMULO DA CONSTITUIÇÃO.</b> . . . . .	<b>.111</b>
» 1      A lei e os «cafetões» . . . . .	113
» 2      Emparedando o chefe de polícia . . . . .	115
» 3      A deportação dos «cafetões» . . . . .	117
» 4      A deportação dos «cafetões» II . . . . .	131
<b>V</b> <b>A PELEJA DO ADVOGADO CONTRA O BACHAREL.</b> . . . .	<b>.145</b>
» 1      Falador passa mal . . . . .	147
» 2      Insânia e calúnia . . . . .	149

VI	FONTES DO DIREITO E ESTRATÉGIAS DE LIBERDADE. . . . .	153
» 1	Porque sou abolicionista sem reservas . . . . .	155
» 2	Africanos livres presos como escravos . . . . .	171
» 3	Interesses inconfessáveis criam anacronismos nos tribunais . . . . .	173
» 4	Terrorismo judiciário . . . . .	179
» 5	Questão jurídica I . . . . .	189
» 6	Escrevo estas linhas para evitar desastres . . . . .	211
» 7	Desfazendo as ficções do direito . . . . .	217
» 8	Questão jurídica II . . . . .	219
VII	O COCHEIRO E O CÔNSUL. . . . .	225
» 1	O cocheiro negro no banco dos réus . . . . .	227
» 2	Tranquilo dentro do caos . . . . .	231
» 3	A colônia portuguesa em São Paulo . . . . .	233
VIII	UMA ESTÁTUA, UM COVEIRO E UM PERITO CRIMINAL. . . . .	235
» 1	Chibata aos pobres, incenso aos ricos . . . . .	237
» 2	Uma história criminosamente bíblica . . . . .	239
» 3	Um cadáver disputado . . . . .	243
» 4	A farsa do atestado de óbito . . . . .	247
» 5	Revirando as vísceras da medicina legal . . . . .	251
IX	UM CRIME PUXA OUTRO. . . . .	257
» 1	O misericordioso Almeida . . . . .	259
» 2	Aplausos para o carrasco . . . . .	263
» 3	Tortura é tortura . . . . .	265
» 4	O crime da rua de S. Bento . . . . .	267
X	O ÁS DA ABOLIÇÃO. . . . .	269
» 1	Olho vivo no parlamento . . . . .	271
» 2	O caminho da liberdade . . . . .	275
» 3	O heroico escravo que mata o senhor . . . . .	279
» 4	A libertação do ventre escravizado . . . . .	285

» 5	Conspiração dos escravocratas . . . . .	293
» 6	A revolução que se aproxima . . . . .	299
» 7	Emboscada dos criminosos escravocratas . . . . .	309
» 8	Histórias improváveis . . . . .	319
» 9	A abolição surge no horizonte . . . . .	329
» 10	A neta de Zambo . . . . .	335
» 11	No verbo mora o sarcasmo . . . . .	345
<b>XI</b>	<b>A EMANCIPAÇÃO AO PÉ DA LETRA. . . . .</b>	<b>353</b>
» 1	O meu companheiro José do Patrocínio . . . . .	355
» 2	Emancipação II . . . . .	357
» 3	Em defesa do jornalismo abolicionista . . . . .	359
» 4	A liberdade urge . . . . .	361
<b>XII</b>	<b>A DEFESA DA CARTA A FERREIRA DE MENEZES. . . . .</b>	<b>365</b>
» 1	Chamada de atenção . . . . .	367
» 2	Pratos limpos . . . . .	371
» 3	Em defesa dos escravizados Antonio e Raymundo . . . . .	373
<b>XIII</b>	<b>CRUELDADE NO QUARTEL. . . . .</b>	<b>375</b>
» 1	A República em prisão de quartel . . . . .	377
» 2	O capitão torturador . . . . .	379
» 3	Ninguém deterá o capitão torturador? . . . . .	383
» 4	O soldado Seixas sai da solitária . . . . .	385
» 5	Um baiano provoca os paulistas . . . . .	387
<b>XIV</b>	<b>AGONIZA, MAS NÃO MORRE. . . . .</b>	<b>389</b>
» 1	Sabendo se excluir . . . . .	391
» 2	Cuidado com a cabeça, Senhor Imperador . . . . .	393
» 3	Memória de José Bonifácio . . . . .	399
» 4	Liberdade irrevogável . . . . .	405
» 5	Acautelem-se os compradores . . . . .	407
» 6	À força o Cristo da multidão . . . . .	409

» 7	Carta a Hyppolito de Carvalho . . . . .	415
» 8	Católico, mas escravista . . . . .	417
» 9	Pela libertação de 78 pessoas! . . . . .	419
	 Bibliografia . . . . .	 423
	<i>In memoriam</i> . . . . .	427
	Agradecimentos . . . . .	429
	Índice remissivo . . . . .	433



## Apresentação das obras completas

A trajetória desse misterioso astro se dirige a uma grande alvorada.  
Tranquilizemo-nos.<sup>1</sup>

Em 2030, o Brasil comemorará o bicentenário de nascimento de Luiz Gonzaga Pinto da Gama. Dada a urgência histórica em se ler, conhecer e promover o debate público sobre a obra do advogado negro que marcou a história do Brasil e das Américas, além da história do direito e da literatura mundial, a editora Hedra resgata e publica as *Obras completas* do herói abolicionista que, nas palavras de um contemporâneo que testemunhou a sua luta, “ainda que mais não faça, é já um nome que merece um lugar na gratidão humana, entre Espártacos e John Brown”.<sup>2</sup>

Entre manuscritos e artigos de imprensa, as *Obras completas* reúnem mais de oitocentos textos originais de Gama, sendo mais de seiscentos deles desconhecidos do público, pensados e articulados numa estratégia autoral *sui generis* que transitava por diversas linguagens e gêneros literários. Em onze volumes, patenteiam a escrita original — poética, profética, política, democrática, satírica, jurídica, humanitária — de um autor negro num país opulento, racista e violento, tão embranquecido em suas formas sociais quanto marcado pelo espírito da escravidão.

Para facilitar o acesso ao *corpus* literário de Gama, a organização das *Obras completas* combina critérios temáticos e cronológicos. Cada volume carrega sua respectiva temática-síntese e periodização que o insere numa área do conhecimento, bem como

1. *Ça Iral* (SP), [editorial], 23 de setembro de 1882, p. 1.

2. No volume *Liberdade*, “Luiz Gama por Lúcio de Mendonça”.

numa das frações temporais dos longos trinta e dois anos da produção intelectual de Luiz Gama (1850–1882). No entanto, nem o recorte cronológico nem a organização temática devem ser vistos necessariamente como enquadramentos intransponíveis. Numa obra complexa e sofisticada, sobreposições temporais e cruzamentos discursivos são bem-vindos e encorajados. A ideia, no fundo, é a de que cada volume comunique com o seu vizinho imediato e produza sentido se percebido em conjunto. Desse modo, tema e tempo, matéria e cronologia, convergem para o propósito de se apresentar as *Obras completas* de Luiz Gama em suas linhas de continuidades, rupturas, diacronias, fugas e variações.

O volume de abertura, *Poesia (1854–1865)*, reúne os primeiros escritos autorais de Luiz Gama. A partir de sua entrada tão incrível quanto estranha no mundo da imprensa em julho de 1854, quando se achava preso na cela de uma cadeia, o volume percorre uma década decisiva para a formação intelectual do jovem e insubmisso poeta. Além de suas *Primeiras trovas burlescas*, poesias lançadas sob o pseudônimo Getulino em 1859 e 1861 — e que que marcariam sua estreia literária —, o volume engloba textos posteriores a Getulino, que evidenciam a sofisticação de um projeto literário que articulava poesia lírica, satírica e prosa poética.

O segundo volume, *Profecia (1862–1865)*, compreende crônicas que o jovem Gama publicou, sobretudo, fora da cidade de São Paulo. As crônicas tratam, em sua maioria, de assuntos criminais, da resistência à escravidão, disputas na alta sociedade, articulações partidárias, além de denúncias de corrupção nos aparelhos de estado. O título *Profecia* remete, a um só tempo, ao sugestivo pseudônimo adotado por Gama e às suas visões de liberdade para o futuro do Brasil. Gama apelava à consciência do público através de uma espécie de chamado profético, que antevia, no presente, as armadilhas e os desafios do futuro.

O terceiro volume, *Comédia (1865–1867)*, colige crônicas que ridicularizam os costumes de São Paulo, especialmente da vida cultural, teatral, política e religiosa da época. *Comédia* pode ser lido como linha de continuidade às crônicas do volume anterior,

*Profecia*. Mais experiente na lida com a imprensa, Gama avança em seu projeto literário apostando em um estilo mais cômico e teatral. A crítica aos costumes, então, se revelava como uma arma poderosa na mão do poeta satírico. Os textos de *Comédia* servem como janelas para que os leitores de hoje vejam, e talvez riam, das barbaridades da elite paulista da época, que, afinal, não é tão distante assim da nossa.

O quarto volume, *Democracia* (1867–1869), revela a atuação de Gama em outros domínios do conhecimento e debate público, como a educação e a política, além de marcar sua entrada no mundo do direito. Gama passa a defender na imprensa o direito à educação universal e a obrigação do Estado em garantir ensino público de qualidade em todos os níveis como um dos fundamentos da vida democrática. Nesse período, democracia, direito e liberdade tornam-se palavras-chave de sua literatura. Não sem razão, foi justamente nessa época que Gama foi demitido do cargo de amanuense da Secretaria de Polícia da capital, o que o lançaria para uma nova fase, agora dedicada à advocacia e ao direito.

O quinto volume, *Direito* (1870–1875), demonstra que a prioridade de Gama passava a ser a escrita de uma literatura normativo-pragmática. São textos que podem ser lidos segundo divisões temáticas internas do direito: civil, criminal e processual, mas também a partir dos casos concretos em que Gama atuou como advogado ou parte interessada. Ainda que a maior parte dos textos tratasse de causas que envolvessem escravidão e liberdade, o volume também reúne textos de outras naturezas jurídicas, estritamente técnicas, o que revela, por sua vez, o domínio intelectual do advogado em outras matérias do direito.

O sexto volume, *Sátira* (1876), é formado por textos afiadíssimos que, em geral, criticam os costumes e moralidade de uma sociedade corrupta, violenta e escravocrata. Gama construiu uma obra satírica de envergadura épica. Ninguém passou ileso pelo bico da sua pena: juízes, advogados, professores, jornalistas, banqueiros. Todos foram ridicularizados como expressão medonha da sociedade escravocrata brasileira.

O sétimo volume, *Crime (1877-1879)*, representa a volta de Luiz Gama à literatura normativo-pragmática a partir de textos que são, em sua maioria, constituídos por denúncias de violação de direitos de presos e prisões ilegais. Relacionados à matéria penal e à matéria processual penal, os textos em *Crime* revelam o conhecimento de causa com que Gama interpretava o direito criminal do Brasil. Uma habilidade técnica, aliás, pela qual foi reconhecido e remunerado como um dos maiores no campo profissional.

O oitavo volume, *Liberdade (1880-1882)*, demarca o surgimento de um tipo de literatura de intervenção que exigia a imediata abolição da escravidão. Apesar da condenação moral do cativo ser recorrente na obra de Gama, é somente em 1880 que a campanha pela liberdade ganha um *corpus* textual específico. Os artigos deste volume, portanto, são fruto da luta radical pela abolição e por direitos. O abolicionismo de Gama, como ficará patenteado nas páginas de *Liberdade*, exigia cidadania e igualdade de fato e de direito.

O nono volume, *Justiça (1850-1882)*, reúne manuscritos fundamentais de Luiz Gama, que se constituem, inclusive, como páginas decisivas do abolicionismo mundial. É composto por petições que tramitaram no judiciário, escritas às vezes nas portas das cadeias, da polícia e dos tribunais. Somando-se aos anteriores, *Justiça* revela a magnitude da ação política e jurídica de Gama. É uma obra que confirma sua estatura de jurista. Sendo exceção na ordem cronológica do conjunto, *Justiça* é o arremate que a um só tempo articula os temas anteriores, sobretudo jurídicos, e dá unidade à sua literatura. É um volume ímpar das *Obras completas* de Luiz Gama.

O décimo volume, *Polícia (1850-1882)*, compreende escritos de ofício, sobretudo da época em que Gama atuou como auxiliar da polícia e de outras repartições de estado, primeiro como copista, depois como escrevente, escrivão e amanuense. São cartas, boletins e petições administrativas que patenteiam a pluralidade de suas ações políticas dentro da máquina administrativa.

O décimo primeiro volume, *África-Brasil (1850-1882)*, é com-

posto de escritos relativos à experiência de liberdade dos africanos ilegalmente escravizados em São Paulo. Abarcando textos que jogam novas luzes sobre a presença de Gama no mundo policial e administrativo, *África-Brasil* ressignifica sua relação com a imensa e plural comunidade de africanos — e seus descendentes — no Brasil. Reúne o início, o meio e o fim dessa relação constitutiva de sua formação como pensador, a relação África-Brasil, ela que também foi constitutiva do país onde Gama nasceu, viveu e lutou: o Brasil.

Por derradeiro, estamos certos de que “a década de Luiz Gama” está apenas começando. Será trabalho de gerações, como efetivamente tem sido, recuperar o legado de Luiz Gama e reinseri-lo no lugar que merece ocupar nas letras, no jornalismo, na política, no direito e na história. Se as *Obras completas* refletem o progressivo acúmulo geracional de conhecimento que socialmente temos do Brasil Império, em geral, e da trajetória de Gama, em particular, elas não escapam das deficiências e lacunas de nosso presente. Ainda que tenhamos disponíveis, como nunca antes, incríveis bases de dados digitalizadas, que permitem o acesso remoto a uma parte considerável dos jornais do século XIX, não se poderia cravar que a reunião desse quase um milhão de textos seja uma edição definitiva. No último dos cinco volumes das correspondências de Machado de Assis, o coordenador da edição, Sergio Paulo Rouanet, pontuou que “numa obra desse tipo, todo final é sempre provisório”.<sup>3</sup> Essa é, sem dúvida, uma das limitações destas *Obras completas*. Por paradoxal que seja, ela só é completa até o presente momento. Daí que, oxalá assim seja, ela possa ser revista e ampliada no futuro. Afinal, essa é uma obra impensável sem o esforço de gerações de pesquisadores e leitores do passado e do presente, e que fica aberta às contribuições, retificações, críticas e sugestões de todos os leitores.

3. Machado de Assis. *Correspondência de Machado de Assis, tomo v: 1905–1908*. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015, p. xxv.



## Introdução

BRUNO RODRIGUES DE LIMA

Como Luiz Gama radicalizou a luta abolicionista no Brasil? Quais foram suas táticas de luta — no debate na imprensa e nos tribunais? Quem esteve ao seu lado a toda hora — e quem atravessou a rua de fininho e mudou de calçada? O volume *Liberdade* reúne textos que respondem a essas, e outras, perguntas.

Partindo do início de 1880 e chegando até a morte de Gama, em agosto de 1882, *Liberdade* sintetiza a visão política da maior liderança abolicionista de São Paulo na última década da escravidão no Brasil. Jornalista e advogado experiente, Gama usaria de sua veia literária para mudar a chave narrativa e operar uma clivagem conceitual e prática no reposicionamento do movimento abolicionista em São Paulo, que viria a ter repercussão em todo o país. Muito de caso pensado, Gama politizará a racialização da violência e do terrorismo de Estado, radicalizando, assim, o discurso abolicionista a níveis nunca antes vistos. E o fará na esfera discursiva, em momentos decisivos, através de pseudônimos, convertidos em arma retórica e nexo de inflexão radicalizadora do conceito e da prática.

De modo inédito no abolicionismo brasileiro, Gama definiria a política da escravidão como signifiante indissociável de violência, crueldade, terror, crime e impunidade, ao passo em que enalteceria a resistência dos escravizados pardos e negros como ação política imbuída de indiscutível valor moral e autonomia da vontade. E Gama dirigia essa radicalização conceitual no abolicionismo com um sentido pragmático: conquistar a abolição e a cidadania ampla, geral e irrestrita o mais rápido possível. Para

isso, posicionou o tema da violência racial e policial nos mais improváveis repertórios, como a filosofia do direito natural e o conhecimento normativo legislativo, doutrinário e jurisprudencial brasileiro, descrevendo em mínimos detalhes a estupidéz branca e o terrorismo judiciário da política da escravidão.

Parte significativa dos próprios abolicionistas reagiria muito mal à mudança de chave narrativa de Gama. Joaquim Nabuco, por metonímia da classe, diria mais tarde que o seu abolicionismo era o de baluartes como Wilbforce e Garrison, e não o “de Spartacus, ou de John Brown”,<sup>1</sup> aqui tomados como signos de fúria e barbárie. Para bom entendedor, é claro que ele refutava oblíqua e dissimuladamente as ideias de Gama, que dois anos antes escrevera que desejava ser “louco como Espártacos, como Lincoln, como John Brown, como Jesus”.<sup>2</sup> Se ninguém serve a dois senhores, logo se verá que o abolicionismo de um não foi, e quiçá nunca mesmo poderia ter sido, o abolicionismo do outro.

Assim como o movimento que ele organizava, pode-se dizer que Gama elegia “retóricas, estratégias e arenas conforme a conjuntura política”.<sup>3</sup> No início da década de 1880, que lamentavelmente marcaria o final de sua vida, o advogado mudava o patamar discursivo do abolicionismo no espaço público brasileiro, escolhendo a retórica da fúria negra, potencializada pelo uso de pseudônimos enquanto estratégia autoral, para disseminar sua voz por diferentes arenas de debates, sempre atento às injunções da conjuntura política — sobretudo a da política local. A combinação explosiva desses elementos atordoaria correligionários, oponentes e inimigos. Mas inegavelmente representava a esperança de liberdade, justiça e cidadania para “um milhão e quinhentas mil vítimas do mais abominável crime”.<sup>4</sup>

1. Joaquim Nabuco. *O abolicionismo*. Londres: Tipografia de Abraham Kingdon, 1883, p. 25.

2. “A liberdade urge”, ver p. 361.

3. Angela Alonso. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868–88)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 19.

4. “Terrorismo judiciário”, ver p. 179.



O Brasil de 1880 estava numa encruzilhada — e Gama não tinha dúvida de que lado, e ao lado de quem, estava.

#### A ENCRUZILHADA DE 1º DE DEZEMBRO DE 1880

Quem abrisse os jornais daquela quarta-feira, 1º de dezembro de 1880, principalmente no Rio de Janeiro ou em São Paulo, veria que três grandes polêmicas sobre a escravidão tomavam corpo na imprensa. Nas três, a presença do advogado negro Luiz Gama se destacava. Na capa da *Gazeta da Tarde*, folha carioca de viés abolicionista, aparecia o desprezioso “trecho de uma carta” que, como se confirmaria nos meses seguintes, seria a primeira das onze partes de uma das mais impressionantes, senão a mais radical obra política de Luiz Gama.<sup>5</sup> Em São Paulo, onde conhecia a todos e era por todos conhecido, outros dois artigos ganharam as páginas naquele mesmo dia: um na *Gazeta do Povo*, em que, defendendo o seu camarada José do Patrocínio, anunciava um novo patamar da luta política abolicionista;<sup>6</sup> e outro artigo na *Província de S. Paulo* que, como se verá, teve de usar de um pseudônimo para denunciar a tortura e o assassinato de uma criança parda de sete anos de idade pelas mãos de dois senhores brancos, que a quiseram enterrar viva.<sup>7</sup>

Os três artigos não foram, até hoje, lidos em conjunto. Trata-se, portanto, de reunião inédita na literatura de Luiz Gama. Partes de uma mesma estratégia literária e editorial, os três artigos abrem portas para se compreender a obra do maior jurista da história desse país e a sua luta, com as roupas e as armas da imprensa e do direito, pela liberdade e pelos direitos dos humilhados, ofendidos e condenados da terra. Semelhantes no propósito, os três artigos, contudo, tinham formas e destinatários diferentes, o que explica terem sido publicados não em um, mas em três jornais

5. “Olho vivo no parlamento”, ver p. 271.

6. “O meu companheiro José do Patrocínio”, ver p. 355.

7. “Revirando as vísceras da medicina legal”, ver p. 251.

distintos. Com isso, intensificava a presença abolicionista na imprensa, visando, certamente, acelerar o processo histórico em curso.

Na capital do Império, Gama era apresentado pela *Gazeta da Tarde* como o maior líder abolicionista em São Paulo. Desse lugar, ele se dirigia ao público simpático às ideias que tinham em comum, mirando um movimento popular de massas que derrubasse a monarquia, que ele entendia ser a fonte de sustentação da escravidão. Suas cartas corriam no fio da navalha, entre a sobriedade do jurista erudito e a insurgência do revolucionário, emitindo múltiplas mensagens para a diversidade de atores na arena política, muito embora tivessem o objetivo prático de mobilizar os abolicionistas para um conjunto de ações em comum. Foi justamente nesse contexto, como reforço à construção de sua liderança junto ao movimento, agora em perspectiva nacional, que a *Gazeta da Tarde* publicou seu perfil biográfico, destacando pela primeira vez a jornada épica do menino preto nascido livre, escravizado pelo próprio pai, que fugiu do cativo e conquistou sua liberdade para, no futuro, libertar mais de quinhentas pessoas ilegalmente escravizadas.<sup>8</sup>

Mas, em São Paulo, o 1º de dezembro tomou outras formas. Dois ataques cruzados vieram à luz: na *Gazeta do Povo*, Gama escrevia com todas as letras que era chegado o tempo da radicalização até as últimas consequências. E isso através da defesa enfática de José do Patrocínio, em particular, e da imprensa francamente abolicionista, em geral, como critério de unidade dos abolicionistas.<sup>9</sup> Tergiversar, ou dar palanque, como a *Província* fizera, aos defensores de uma nova *pax escravocrata* seria uma imperdoável capitulação nas fileiras republicanas. E era disso que Gama passaria a acusar, com provas, seus antigos companheiros

8. “Luiz Gama por Lúcio de Mendonça”, ver p. 73.

9. “O meu companheiro José do Patrocínio”, *op. cit.*.

de imprensa, partido e maçonaria: de aliarem-se taticamente aos liberais e conservadores para postergar a abolição até perdê-la de vista.<sup>10</sup>

A radicalização — e racialização — do discurso, porém, precisava de reforço. Assim, Gama resolveu multiplicar sua voz lançando mão de uma das táticas que o destacaria como mestre na tribuna da imprensa: o uso de pseudônimos para criar polifonia e repercutir um determinado assunto. Em seção paga do jornal de que se tornaria desafeto, Gama pagou a aposta de subir o tom do debate, fustigando os apelos por moderação e prudência que, em sua visão, nada tinham de uma ou de outra, sendo apenas ardis para dissuadir o movimento abolicionista. A série de artigos “Uma estátua, um coveiro e um perito criminal”, fechada justamente no tal 1º de dezembro de 1880, exemplifica isso, atirando contra as autoridades policiais e a promotoria pública paulista, assim como contra a imprensa, acusando-as de cúmplices em um bárbaro assassinato de uma criança parda de sete anos de idade.<sup>11</sup>

É de se notar, em síntese, como um estilo original de ação política tomou forma em uma mesma data. Por que atacar adversários e inimigos simultaneamente, em planos e níveis distintos? Por que exortar à luta seus correligionários, fazendo uso de linguagens variadas, transitando momento a momento entre a racionalidade jurídica e o fervor jacobino? Por que diferentes projetos de discurso, ora revelando, ora ocultando alguns, mas nunca dissimulando a autoria? Que liderança é essa, afinal, tão difícil de se compreender? Quais são as ideias-chave desse abolicionismo negro e radical? As respostas a essas perguntas passam

10. A *Província de S. Paulo* de setembro, outubro e novembro de 1880 registra diversos textos na direção de um abolicionismo acovardado. Para a crítica radical de Gama sobre a capitulação dos antigos aliados, cf. o artigo, que se lê nesse volume, “A liberdade urge”, ver p. 361.

11. “Revirando as vísceras da medicina legal”, *op. cit.* O desfecho da série ocorre, como sublinhado no corpo do texto, no mesmo dia em que Gama lançava o primeiro trecho da “Carta a Ferreira de Menezes”, ver p. 271.

pela encruzilhada da quarta-feira, 1º de dezembro de 1880. Para, quiçá, encontrarmos as respostas, começemos por um dos lados dessa encruzilhada de três pontas, a monumental carta ao dr. Ferreira de Menezes.

#### O ABOLICIONISMO SEGUNDO LUIZ GAMA

A “Carta ao dr. Ferreira de Menezes” é um dos mais importantes documentos da história da abolição da escravidão no Brasil e da notável produção literária de Luiz Gama. Além de afigurar-se como o mais longo texto em prosa publicado individualmente pelo autor, revela acontecimentos e histórias nunca antes trazidos a público, oferecendo, portanto, uma nova perspectiva de análise para especialistas e leitores em geral.<sup>12</sup> Escrita por um homem negro, para outro homem negro, na imprensa negra do Rio de Janeiro, a carta surge como retrato do mais radical abolicionismo que deu chão do Brasil, fora dos salões festivos, das máquinas partidárias ou de episódico enfrentamento armado. Dividida em onze diferentes trechos, o documento ganhou as páginas da *Gazeta da Tarde* e as ruas do Rio de Janeiro, e de outras cidades, entre os meses de dezembro de 1880 e fevereiro de 1881. Por sua unidade narrativa e o pacto estabelecido entre autor, destinatário e público leitor, cada trecho constitui-se como parte diferente de um mesmo todo. Embora apenas um trecho desse grupo de cartas tenha sido republicado dezenas de vezes, desde os anos 1930, lê-lo em separado faz escapar o conjunto da obra, as ideias fundamentais de Luiz Gama e o que identifico como dois dos principais objetivos da missiva: orientar o movimento abolicionista para um novo estágio da luta política pela supressão da escravidão; e documentar o passado da escravidão, a partir de um inventário da crueldade senhorial branca e da resistência de escravizados negros e pardos.

12. Recentemente, a carta foi republicada, com alterações significativas. Cf. Lígia Fonseca Ferreira. *Lições de Resistência: artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

À primeira vista, o texto não obedece a uma ordem esquemática. Embora regular, mas nunca linear, o fluxo das cartas oscila e o autor alterna o teor delas, carregando na tinta, a depender do mote de cada trecho. Alguns trechos são tão fortes que parecem uma espécie de soco na boca do estômago, tamanho o impacto das imagens e dos argumentos mobilizados para apresentar dezenas de cenas de sangue e tortura “neste país clássico da sagrada liberdade”.<sup>13</sup> Um presidente de província correu a se manifestar de que não acobertaria um crime nela denunciado; outro figurão, um comendador, tratou de refutar a acusação de que reduzia pessoa livre à escravidão. Outras autoridades, envolvidas na narrativa, sentiram-se agredidas com o teor da missiva. O público respondia. Novas denúncias advieram, encorajadas pela obstinação de Gama.

Já no primeiro trecho da carta vê-se que o autor tinha duas ideias fixas na cabeça: a escravidão enquanto crime dos senhores brancos e a urgência da abolição como medida de salvação nacional. O realinhamento entre liberais e conservadores na Câmara dos Deputados foi o estopim para Gama. O início da série de onze cartas, portanto, foi uma reação à proposta do deputado paulista Moreira de Barros,<sup>14</sup> que defendia o prolongamento da escravidão no Brasil. É a Moreira de Barros, literalmente ou como metonímia de uma classe, que Gama se dirige, sem meias palavras, desde a primeira frase de sua longa série de textos. Se não havia dúvida de que o deputado paulista inaugurava uma nova fase da política da escravidão, amparada na defesa do cativo sob a égide do discurso liberal de abolição gradual, sem sobressaltos ou rupturas, também ficaria nítido que Gama devolveria a ferro e fogo qual a linha de combate do abolicionismo radical.

13. “O heroico escravo que mata o senhor”, ver p. 279.

14. Antonio Moreira de Barros (1841–1896), paulista de Taubaté, foi deputado, ministro e presidente da província de Alagoas.



PARTE I

UMA AUTOBIOGRAFIA

**NOTA INTRODUTÓRIA** *A carta de Luiz Gama a Lúcio de Mendonça e a transformação dela, por Mendonça, em um perfil biográfico, que imediatamente foi publicado na imprensa, constituem essa seção. A disposição textual, portanto, segue o conhecido roteiro dessa correspondência histórica: a carta de Gama, antecipada por um bilhete e acrescida de um poema, e a resposta, agora pública, de Mendonça. Há muitas nuances para se debater sobre o conteúdo da famosa carta, entre elas, a razão que levou Gama a escolher Mendonça como portador da mensagem que se revelaria fantástica e, sob todos os aspectos, digna das melhores páginas da história do Brasil. No entanto, deixemos debates que poderiam descambar para pormenores acadêmicos para outra ocasião. Procuremos aqui, num exercício de criatividade e imaginação, ler a carta como se fossemos nós mesmos os destinatários dela. Assim, a dimensão privada da missiva — desfeita após cinquenta anos do endereçamento original! — perde fôlego e resta o que o narrador brilhante talvez intentasse lá atrás, vislumbrando quiçá a perenidade do texto: a escrita autobiográfica da experiência de vida, tempos, angústias, sonhos, frustrações, provações, dilemas, conquistas e lutas, o sofrimento em suma de um autor. Em síntese: embora tecnicamente uma correspondência particular, a carta — enigmática, cifrada e luminosa feito “trovão dentro da mata” — pode ter sido concebida (e não duvidaríamos nós da genialidade de um mestre da literatura) para ganhar, com o tempo, a dimensão autobiográfica que possui quando o leitor se permite receber a carta como real destinatário dela. O pacto escritor-leitor, portanto, ganha novo e original sentido. Tal a mandinga da carta. E como já disse Gama: “Quem não tem peito não toma mandinga!” O convite, desta feita, é de lermos bilhete, carta e poema, todos de Gama, e o perfil biográfico produzido na reação imediata do primeiro leitor da carta, Mendonça, como pedrinhas de um mesmo fio de contas. Afinal de contas, todos nós, quando leitores de uma autobiografia, podemos, em misterioso vaivém, tomar parte da vida dela, assim como ela toma assento em nossa própria.*



## Capítulo 1

### **Sem sacrilégio: um bilhete à guisa de prólogo**

#### *Bilhete para Lúcio de Mendonça*<sup>1</sup>

**Comentário** *A famosíssima carta a Lúcio de Mendonça era antecedida por esse bilhete, até hoje desconhecido do grande público. O bom humor abre-alas para a correspondência histórica.*

Lúcio,

Abraça-te, e beija-te (sem sacrilégio) o teu,

LUIZ GONZAGA PINTO DA GAMA

1880, 26 de julho, à noite

1. Lúcio de Mendonça (1854–1909), nascido em Pirai (RJ), foi jornalista, poeta, escritor, advogado e juiz, que chegou, com a República, aos postos de ministro do Supremo Tribunal Federal (1895–1897) e procurador-geral da República (1897). Aos quatorze anos de idade, Mendonça conheceu Gama em São Paulo e, a partir de então, ambos cultivaram estreita amizade. São muitas as passagens em que Gama elogia Mendonça e, não à toa, foi a Mendonça que Gama revelou segredos de sua biografia. Cf. “Minha Vida”, na sequência desse bilhete.



## Capítulo 2

### Minha vida

#### Carta a Lúcio de Mendonça<sup>1</sup>

**Comentário** *É, sob a perspectiva biográfica, a carta mais significativa da produção intelectual de Luiz Gama. Repleta de declarações impactantes e minúcias finíssimas que o mais diligente leitor pode sem querer deixar escapar — ao que antecipadamente alerta em vista de redobrar a atenção —, a “Carta a Lúcio de Mendonça” é uma obra de arte da literatura brasileira. A narrativa da jornada épica do menino baiano que atravessa o país no porão de um navio infestado de ratos e apinhado de mercadorias e pessoas escravizadas, chega ao Rio de Janeiro, e de lá ruma, acorrentado, primeiro em um navio para Santos, depois a pé para Jundiaí, Campinas e finalmente São Paulo, é das coisas mais impressionantes da história do Brasil. Luiz Gama passa, então, oito anos barbaramente escravizado no centro da capital paulista e, de modo enigmático, foge do cativo, alcança provas de sua liberdade e assenta praça na Força Pública, espécie de regimento policial da época. De lá, o que já era épico tem sua marca confirmada pelos eventos sincrônicos e seguintes. Insurge-se contra o abuso de autoridade uma, duas, três — diversas! — vezes, aprende a ler e escrever com maestria, toma posse de empregos públicos reservados àqueles que possuíam sólido conhecimento normativo e administrativo, revela-se enquanto homem de letras — poeta e jornalista — e, entre múltiplas expertises, torna-se um dos mais importantes advogados — e juristas! — já conhecidos no Brasil. A carta, que pode ser lida como autobiografia se o leitor se permitir vestir de destinatário da mensagem, é um monumento à criatividade, à luta e à perseverança da humanidade negra que, nas palavras do poeta, “fez e faz história segurando esse país no braço”.*

1. Biblioteca Nacional, Carta a Lúcio de Mendonça, Documento textual, Manuscritos – I-2-11, 018, São Paulo, 25 de julho de 1880.

Meu caro Lúcio,

Recebi o teu cartão com a data de 28 do pretérito.

Não me posso negar ao teu pedido, porque antes quero ser  
acoimado<sup>2</sup> de ridículo, em razão de referir verdades pueris,<sup>3</sup> que  
5 me dizem respeito, do que de vaidoso e fátuo,<sup>4</sup> pelas ocultar, de  
envergonhado: aí tens os apontamentos que me pedes, e que  
sempre eu os trouxe de memória.

Nasci na cidade de São Salvador, capital da província da Bahia,  
em um sobrado da rua do Bangla,<sup>5</sup> formando ângulo interno,  
10 em a quebrada,<sup>6</sup> lado direito de quem parte do adro da Palma,<sup>7</sup>  
na freguesia de Sant'Ana, a 21 de junho de 1830, por as 7 horas  
da manhã, e fui batizado, 8 anos depois, na Igreja Matriz do  
Sacramento, da cidade de Itaparica.<sup>8</sup>

2. Tachado.

3. Ingênuas.

4. Presunçoso.

5. Optei em grafar exatamente como no original, mesmo que a atualização para o português corrente requisitasse a mudança para “Bângala”, tal como hoje se acha o nome da rua, na região do centro histórico de Salvador. A razão para isso é porque Gama narra alguns apontamentos que ele “sempre trouxe de memória”, logo, o nome da rua para ele, tão meticoloso no manejo das palavras, seria como trazia de cabeça: “Bangla”. Além do mais, tal forma de grafar/pronunciar tem implicações para se compreender as minúcias e variações das muitas línguas do grupo Bantu, do qual possivelmente provenha a palavra.

6. Esquina.

7. Refere-se à Igreja de Nossa Senhora da Palma, na antiga freguesia de Sant'Anna, hoje bairro da Mouraria, Salvador, Bahia.

8. A pedido de Sud Mennucci, o cônego Aníbal Matta, secretário da Cúria de Salvador, e o padre Clodoaldo Barbosa, além da famosa educadora Anfrísia Santiago, reviraram os livros de assentamento de batismo da matriz de Itaparica sem, no entanto, encontrar “nenhuma criança de oito anos, com o nome de Luiz ou Luiz Gonzaga, entre os registros”. Eu mesmo revirei linha por linha os livros dos arquivos da Cúria de Salvador sem obter maior sucesso que Mennucci e sua turma. As muitas hipóteses de análise, que inclusive em nada desmerecem a afirmativa de Gama, tornando-a, antes, apenas mais complexa de se examinar, são bem mapeadas por Mennucci. Dentre tantas conjecturas, algumas possuem verossimilhança maior, sem, contudo, serem conclusivas a toda prova. A exata certidão de batismo, defende Menucci, “só se poderia verificar mediante uma

Sou filho natural de uma negra, africana-livre,<sup>9</sup> da Costa-da-Mina (Nagô de Nação),<sup>10</sup> de nome Luiza Mahin,<sup>11</sup> pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã.

Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvíssimos como a neve, era muito altiva, geniosa, insofrida e vingativa.

Dava-se ao comércio — era quitandeira —, muito laboriosa; e mais de uma vez, na Bahia, foi presa, como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito.<sup>12</sup>

Era dotada de atividade. Em 1837, depois da Revolução do dr. Sabino,<sup>13</sup> na Bahia, veio ela ao Rio de Janeiro, e nunca mais voltou. Procurei-a em 1847, em 1856 e em 1861, na Corte, sem que a pudesse encontrar. Em 1862, soube, por uns pretos mi-

batida completa nos livros da Cúria, e referentes a todas as freguesias existentes na época, não só da cidade do Salvador, mas também das cidades vizinhas. Trabalho para anos...”

9. Aqui Gama provavelmente utiliza uma noção ampla do conceito de africano-livre enquanto o africano não escravizado. Em muitos contextos, tal conceito restringe-se aos domínios do campo jurídico, indicando estritamente aquele que desembarcou no Brasil após norma proibitiva.

10. Nesse contexto, nagô remete a um dos povos de língua iorubá e a costa da Mina à região geográfica do continente africano, atualmente situada no litoral dos países de Gana, Togo e Benim.

11. A partir do paradigmático “Minha vida” e do poema “Minha mãe”, que lhe vai anexo, Gama conta os detalhes que se conhece sobre a vida de sua mãe, Luiza Mahin. A imaginação histórica que sucede o relato vivo de seu filho é, sem dúvida, tema dos mais instigantes, dentre outros campos, da fortuna crítica de Gama e da história das lutas populares no Brasil.

12. A década de 1830 foi especialmente agitada e revoltosa na cidade da Bahia, como então era chamada Salvador, hoje a capital do estado da Bahia. O Levante dos Malês (1835), por exemplo, um dos maiores e mais perigosos para a ordem escravista socialmente constituída, bem expressa a tensão dos conflitos políticos da época. Embora não haja citação direta a esse evento, o fato de Gama viver na cidade da Bahia justamente nesse período, a poucos metros da Ladeira da Praça, epicentro do Levante dos Malês, sugere que essa seja uma das “insurreições de escravos” a que faz menção em sentido amplo.

13. A “revolução do dr. Sabino”, também conhecida por “Sabinada” em razão da liderança do médico Francisco Sabino (1796–1846), possuía pautas republica-

nas que conheciam-na e que deram-me sinais certos, que ela, apanhada com malungos<sup>14</sup> desordeiros, em uma *casa de dar fortuna*,<sup>15</sup> em 1838, fora posta em prisão; e que tanto ela como os companheiros desapareceram. Era opinião dos meus informantes que esses *amotinadores*<sup>16</sup> fossem mandados pôr fora, pelo

5 Governo, que, nesse tempo, tratava rigorosamente os africanos-livres, tidos como provocadores.

Nada mais pude alcançar a respeito dela. Nesse ano, de 1861, voltando a São Paulo, e estando em comissão do Governo, na

10 vila de Caçapava, dediquei-lhe os versos que, com esta carta, envio-te.<sup>17</sup>

Meu pai, não ousou afirmar que fosse branco, porque tais afirmativas, neste país, constituem grave perigo perante a verdade, no que concerne à melindrosa presunção das cores humanas; era

15 fidalgo; e pertencia a uma das principais famílias da Bahia, de origem portuguesa.

Devo poupar à sua infeliz memória uma injúria dolorosa, e o faço ocultando o seu nome.

Ele foi rico; e, nesse tempo, muito extremoso para mim: criou-me em seus braços. Foi revolucionário em 1837. Era apaixonado por a diversão da pesca e da caça; muito apreciador de bons cavalos; jogava bem as armas, e muito melhor de baralho, amava as súcias<sup>18</sup> e os divertimentos; esbanjou uma boa herança, obtida de uma tia em 1836; e, reduzido à pobreza extrema, a 10 de

nas e reivindicava maior autonomia da então província da Bahia frente ao Rio de Janeiro, sede da administração do Império, assim como a redivisão de poderes locais, incluindo grupos com baixa ou nenhuma representação política.

14. Companheiros, camaradas. No contexto, também pode significar conterrâneo, africano da mesma nação.

15. Espaço de reunião social, política e religiosa de africanos e negros brasileiros. As casas de dar fortuna eram fortemente reprimidas pelas polícias locais, como a da Corte, Rio de Janeiro, que devassavam esses ambientes por representarem potencial subversão da ordem escravista constituída.

16. Que provoca motins, revoltas, agitações.

17. Trata-se do poema “Minha Mãe”, que se lê a seguir.

18. Festanças, farras.

novembro de 1840, em companhia de Luiz Candido Quintella, seu amigo inseparável e hospedeiro, que vivia dos proventos de uma casa de tavolagem,<sup>19</sup> na cidade da Bahia, estabelecida em um sobrado de quina, ao largo da praça, vendeu-me, como seu

5

Remetido para o Rio de Janeiro nesse mesmo navio, dias depois, que partiu carregado de escravos, fui, com muitos outros, para a casa de um cerieiro português de nome Vieira, dono de uma loja de velas, à rua da Candelária, canto da do Sabão. Era um negociante de estatura baixa, circunspecto e enérgico, que recebia escravos da Bahia, à comissão. Tinha um filho aperaltado, que estudava em colégio; e creio que três filhas já crescidas, muito bondosas, muito meigas, e muito compassivas, principalmente a mais velha. A senhora Vieira era uma perfeita matrona, exemplo de candura e piedade. Tinha eu 10 anos. Ela e as filhas afeiçoaram-se de mim imediatamente. Eram 5 horas da tarde quando entrei em sua casa. Mandaram lavar-me; vestiram-me uma camisa e uma saia da filha mais nova, deram-me de cear e mandaram-me dormir com uma mulata de nome Felícia, que era mucamba<sup>20</sup> da casa.

10

15

20

Sempre que me lembro desta boa senhora e das suas filhas, vêm-me as lágrimas aos olhos; porque tenho saudades do amor e dos cuidados com que afagaram-me por alguns dias.

Dali saí derramando copioso<sup>21</sup> pranto, e também todas elas, sentidas de verem-me partir.

25

Oh, eu tenho lances doridos em minha vida, que valem mais do que as lendas sentidas da vida amargurada dos mártires.

Nesta casa, em dezembro de 1840, fui vendido ao negociante

19. Casa de jogos, usualmente de cartas, dados e tabuleiros.

20. Aparentemente, Gama grafou mucama, mas, como se nota em exame mais detalhado, ele próprio corrigiu para mucamba. Ambas expressões serviam para designar a função de criada doméstica.

21. Abundante.

e contrabandista alferes<sup>22</sup> Antônio Pereira Cardozo,<sup>23</sup> o mesmo que, há 8 ou 10 anos, sendo fazendeiro no município de Lorena, nesta Província, no ato de o prenderem por ter morto alguns escravos à fome, em cárcere privado, e já na idade maior de 60 a 70 anos, suicidou-se com um tiro de pistola, cuja bala atravessou-lhe o crânio.

Este alferes Antônio Pereira Cardozo comprou-me em um lote de cento e tantos escravos; e trouxe-nos a todos, pois que era este o seu negócio, para vender nesta província.

Como já disse, tinha eu apenas 10 anos; e, a pé, fiz toda a viagem de Santos até Campinas.

Fui escolhido por muitos compradores, nesta cidade, em Jundiá<sup>24</sup> e Campinas; e por todos repellido, como se repelem as cousas ruins, pelo simples fato de ser eu *baiano*...

Valeu-me a pecha!...

O último recusante foi o venerando e simpático ancião Francisco Egídio de Souza Aranha,<sup>25</sup> pai do exmo. conde de Três Rios, meu respeitável amigo.

Este, depois de haver-me escolhido, afagando-me, disse:

22. Antiga patente militar, abaixo do tenente.

23. Antônio Pereira Cardozo (1791–1861), português, fazendeiro, proprietário da fazenda Cachoeira, Lorena (SP), registrado como morador do distrito norte da freguesia da Sé, capital, já em 1837. Cf. *O Novo Farol Paulistano*, 8 de fevereiro de 1837, p. 1. Por mais que Gama indique de modo expresso o recorte temporal do suicídio de Cardozo como sendo “há oito ou dez anos”, o fato ocorreu em 1861. Diferente de outras ocasionais passagens em que, por lapso ou descuido, Gama confunde datas, as razões para ele indicar uma data em mais de dez anos distante da factual não parecem ter sido por erro fortuito. Exploro essa questão decisiva para a formação de Gama em minha tese de doutorado.

24. Jundiá, município paulista que fica 50 km distante de São Paulo (SP), era a principal cidade ao limite norte da capital.

25. Francisco Egídio de Souza Aranha (1778–1860), santista, senhor de engenho em Campinas, foi um dos introdutores da cultura cafeeira naquela cidade. Em seu testamento, datado do ano de 1859, Francisco Egídio declarava ser proprietário de 356 escravos. Cf. Maria Alice Rosa Ribeiro. “Açúcar, café, escravos e dinheiro a prêmio: Campinas, 1817–1861”. In: *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*, Campinas, SP, v. 23, n. 1, 2015, pp. 15–40.



— Há de ser um bom pajem para os meus meninos; dize-me: onde nasceste?

— Na Bahia, respondi eu.

— *Baiano!*?... exclamou, admirado, o excelente velho. Nem de graça o quero. Já não foi por bom que o venderam tão pequeno!...

Repelido *como refugio*, com outro escravo da Bahia, de nome José, sapateiro, voltei para casa do sr. Cardozo, nesta cidade, à rua do Comércio,<sup>26</sup> n° 2, sobrado, perto da Igreja da Misericórdia.<sup>27</sup>

Aí aprendi a copeiro,<sup>28</sup> a sapateiro, a lavar e a engomar roupa, e a costura.

Em 1847, contava eu 17 anos, quando para a casa do sr. Cardozo veio morar, como hóspede, para estudar humanidades, tendo deixado a cidade de Campinas, onde morava, o menino Antônio Rodrigues do Prado Júnior, hoje doutor em direito, ex-magistrado de elevados méritos, e residente em Mogi Guaçu,<sup>29</sup> onde é fazendeiro.

Fizemos amizade íntima, de irmãos diletos, e ele começou de ensinar-me as primeiras letras.

Em 1848, sabendo eu ler e contar alguma cousa, e tendo obtido artilosa e secretamente provas inconcussas<sup>30</sup> de minha liberdade, retirei-me fugido da casa do alferes Antônio Pereira Cardozo, que aliás votava-me a maior estima, e fui assentar praça. Servi até 1854, seis anos; cheguei a cabo-de-esquadra graduado,<sup>31</sup>

26. Antiga rua do centro de São Paulo, atualmente denominada de rua Álvares de Azevedo.

27. A Igreja da Misericórdia, situada no antigo largo da Misericórdia, foi construída em 1716 e demolida em 1886. Foi um ponto nevrálgico de circulação, comércio e abastecimento de água da cidade de São Paulo dos séculos XVIII e XIX.

28. Indivíduo que se ocupa do serviço da copa, serve a mesa e faz outros serviços domésticos.

29. Município do interior paulista, distante 160 km da capital que, ao final do século XIX, possuía grandes fazendas de café e concentração de gente escravizada.

30. Incontestáveis, irrefutáveis.

31. Antiga patente militar que comandava um coletivo de soldados, cabos e recrutas.

e tive baixa do serviço, depois de responder a conselho por atos de suposta insubordinação, quando eu tinha limitado-me a ameaçar um oficial insolente, que me havia insultado, e que soube conter-se.

5 Estive então preso 39 dias, de 1º de julho a 9 de agosto.<sup>32</sup> Passava os dias lendo e as noites; sofria de insônias; e, de contínuo, tinha diante dos olhos a imagem de minha querida mãe. Uma noite, eram mais de duas horas; eu dormitava; e, em sonho, vi que a levavam presa. Pareceu-me ouvi-la distintamente, que  
10 chamava por mim.

Dei um grito, espavorido saltei fora da tarimba; os companheiros alvorotaram-se; corri à grade, enfiei a cabeça pelo xadrez.<sup>33</sup>

Era solitário e silencioso o longo e lóbrego<sup>34</sup> corredor da prisão, mal alumiado, e do seio do qual pendia a luz amarelenta  
15 de enfumaçada lanterna.

Voltei para minha esteira, narrei a ocorrência aos curiosos colegas; eles narraram-me fatos semelhantes; eu caí em nostalgia, chorei e dormi.

Durante o meu tempo de praça, nas horas vagas, fiz-me copista; escrevia para o cartório do escrivão major Benedicto Antônio Coelho Netto, que tornou-se meu Amigo; e que hoje, pelo seu merecimento, desempenha o cargo de oficial-maior da Secretaria do Governo; e, como amanuense,<sup>35</sup> no gabinete do exmo. sr. conselheiro Francisco Maria de Sousa Furtado de Mendonça,<sup>36</sup> que aqui exerceu, por muitos anos, com aplausos e  
25

32. Ver, no volume *Poesia destas Obras completas*, “Carta – Recreio D’Amizade”.

33. Cela, cadeia.

34. Diz-se do lugar sombrio, escuro, em que quase não há claridade.

35. Funcionário de repartição pública que geralmente fazia cópias, registros e tratava da correspondência.

36. Francisco Maria de Sousa Furtado de Mendonça (1812–1890), nascido em Luanda, Angola, foi subdelegado, delegado, chefe de polícia e secretário de polícia da província de São Paulo ao longo de quatro décadas. Foi, também, professor catedrático de Direito Administrativo da Faculdade de Direito de São Paulo. A relação de Luiz Gama com Furtado de Mendonça é bastante complexa, escapando, em muito, aos limites dos eventos da demissão de Gama

admiração do público em geral, altos cargos de administração, polícia e judicatura, e que é catedrático da Faculdade de Direito, fui seu ordenança;<sup>37</sup> por meu caráter, por minha atividade e por meu comportamento, conquistei a sua estima e a sua proteção; e as boas lições de letras e de civismo, que conservo com orgulho.

Em 1856, depois de haver servido como escrivão perante diversas autoridades policiais, fui nomeado amanuense da Secretaria de Polícia, onde servi até 1869,<sup>38</sup> época em que, por *turbulento e sedicioso*,<sup>39</sup> fui demitido *a bem do serviço público*, pelos conservadores, que então haviam subido ao poder. A portaria de demissão foi lavrada pelo dr. Antônio Manuel dos Reis, meu particular amigo, então secretário da polícia, e assinada pelo exmo. dr. Vicente Ferreira da Silva Bueno,<sup>40</sup> que, por este e outros atos semelhantes, foi nomeado desembargador da Relação da Corte.<sup>41</sup>

A turbulência consistia em fazer eu parte do Partido Liberal; e, pela imprensa e pelas urnas, pugnar pela vitória das suas e minhas ideias; e promover processos em favor de pessoas livres,

do cargo de amanuense da Secretaria de Polícia, em 1869. Para que se ilustre temporalmente a relação, tenhamos em vista que à época do rompimento público, aos finais da década de 1860, ambos já se conheciam e trabalhavam juntos há quase duas décadas; e, mais, Gama não rompeu definitivamente com Furtado de Mendonça, como erroneamente indica a historiografia, visto que em 1879 publicou o artigo *Aos homens de bem*, defesa moral e política explícita do legado de Furtado de Mendonça.

37. Nesse caso, soldado às ordens pessoais de uma autoridade a quem acompanha durante as horas do expediente.

38. Por equívoco de datas, no original se lê 1868, quando a demissão de fato ocorreu em 1869.

39. Insubordinado, indisciplinado.

40. Vicente Ferreira da Silva Bueno (1815–1873) teve longa carreira administrativo-judiciária, exercendo cargos de delegado de polícia, juiz municipal, juiz dos órfãos, juiz de direito e desembargador em diversas províncias, como Bahia, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1869, era chefe de polícia interino da província de São Paulo, cabendo a ele papel de algoz no espetáculo da demissão de Luiz Gama do cargo de amanuense da Secretaria de Polícia.

41. Refere-se ao Tribunal da Relação da Corte, equivalente à segunda instância judiciária da antiga jurisdição da Corte.

criminosamente escravizadas; e auxiliar licitamente, na medida de meus esforços, alforrias de escravos, porque detesto o cativo e todos os senhores, principalmente os reis.

Desde que fiz-me soldado, comecei a ser homem; porque até os 10 anos fui criança; dos 10 anos até os 18 fui soldado.<sup>42</sup>

Fiz versos; escrevi para muitos jornais; colaborei em outros, literários e políticos, e redigi alguns.

Agora chego ao período em que, meu caro Lúcio, nos encontramos no *Ypiranga*, à rua do Carmo,<sup>43</sup> tu como tipógrafo,<sup>44</sup> poeta, tradutor, folhetinista<sup>45</sup> principiante; e eu como simples aprendiz-compositor,<sup>46</sup> de onde saí para o foro e para a tribuna, onde ganho o pão para mim e para os meus, que são todos os pobres, todos os infelizes; e para os míseros escravos, que, em número superior a 500, tenho arrancado às garras do crime.

Eis o que te posso dizer, às pressas, sem importância e sem valor; menos para ti, que me estimas deveras.

25 de julho de 1880

TEU LUIZ

42. No original, a palavra “escravo” aparece riscada antes de “soldado”.

43. Antiga rua do centro de São Paulo.

44. Indivíduo que faz serviços tipográficos de composição, paginação ou impressão.

45. Que escreve folhetins — novelas ou crítica de literatura e artes — para jornais.

46. Encarregado de compor originais de texto em tipografia.



## COLEÇÃO HEDRA

1. *Don Juan*, Molière
2. *Contos indianos*, Mallarmé
3. *Triunfos*, Petrarca
4. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
5. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
6. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
7. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
8. *Metamorfoses*, Ovídio
9. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
10. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
11. *Carta sobre a tolerância*, Locke
12. *Discursos ímpios*, Sade
13. *O príncipe*, Maquiavel
14. *Dao De Jing*, Lao Zi
15. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
16. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
17. *Fé e saber*, Hegel
18. *Joana d'Arc*, Michelet
19. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
20. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
21. *Eu acusado!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
22. *Apologia de Galileu*, Campanella
23. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
24. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
25. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
26. *Poemas*, Byron
27. *Sonetos*, Shakespeare
28. *A vida é sonho*, Calderón
29. *Escritos revolucionários*, Malatesta
30. *Sagas*, Strindberg
31. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
32. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
33. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
34. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
35. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
36. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
37. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
38. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
39. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
40. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
41. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
42. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
43. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
44. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
45. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
46. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
47. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
48. *No coração das trevas*, Conrad
49. *Viagem sentimental*, Sterne
50. *Arcana Cælestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
51. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
52. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
53. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
54. *Cultura estética e liberdade*, Schiller

55. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
56. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
57. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
58. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
59. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
60. *Entre camponeses*, Malatesta
61. *O Rabi de Bacherach*, Heine
62. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
63. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
64. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
65. *A metamorfose*, Kafka
66. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
67. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
68. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
69. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
70. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
71. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
72. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
73. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
74. *Gente de Hemsö*, Strindberg
75. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
76. *Correspondência*, Goethe | Schiller
77. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigyō
78. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
79. *A volta do parafuso*, Henry James
80. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
81. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
82. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
83. *Inferno*, Strindberg
84. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
85. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
86. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
87. *Jerusalém*, Blake
88. *As bacantes*, Eurípides
89. *Emília Galotti*, Lessing
90. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
91. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
92. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
93. *A fábrica de robôs*, Karel Tchépek
94. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. 1)*, Schopenhauer
95. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
96. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
97. *Sobre a liberdade*, Mill
98. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
99. *Pequeno-burgueses*, Górkí
100. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
101. *Educação e sociologia*, Durkheim
102. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamántis
103. *Lisístrata*, Aristófanes
104. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
105. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
106. *A última folha e outros contos*, O. Henry
107. *Romanceiro cigano*, Lorca
108. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
109. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
110. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
111. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal

112. *Odisseia*, Homero
113. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
114. *História da anarquia* (vol. 2), Max Nettlau
115. *Sobre a ética — Parerga e paralipomena* (v. II, t. II), Schopenhauer
116. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
117. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
118. *A arte da guerra*, Maquiavel
119. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
120. *Oliver Twist*, Dickens
121. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
122. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
123. *Édipo Rei*, Sófocles
124. *Fedro*, Platão
125. *A conjuração de Catilina*, Salústio
126. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft
127. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Engels

## METABIBLIOTECA

1. *O desertor*, Silva Alvarenga
2. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
3. *Teatro de êxtase*, Pessoa
4. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
7. *O Ateneu*, Raul Pompeia
8. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
9. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
10. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
11. *Iracema*, Alencar
12. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
13. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Pessoa
14. *A cidade e as serras*, Eça
15. *Mensagem*, Pessoa
16. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
17. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
18. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
19. *A carteira de meu tio*, Macedo
20. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
21. *Eu*, Augusto dos Anjos
22. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
23. *O cortiço*, Aluisio Azevedo
24. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont

## «SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
3. *O destino do erudito*, Fichte
4. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
5. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski



## «SÉRIE SEXO»

1. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
2. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
3. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
4. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
5. *A vênus de quinze anos*, [Swinburne]
6. *Explosao: romance da etnologia*, Hubert Fichte

## COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
8. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
9. *Machismo, racismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
10. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani & Emilio Gentile

## COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

1. *Dostoiévski e a dialética*, Flávio Ricardo Vassoler
2. *O renascimento do autor*, Caio Gagliardi
3. *O homem sem qualidades à espera de Godot*, Robson de Oliveira

## «NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO»

1. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
2. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
3. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown

## COLEÇÃO «WALTER BENJAMIN»

1. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
2. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin





Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na gráfica Meta Brasil,  
em 1 de agosto de 2021, em papel pólen soft, em tipologia MinionPro e  
Formular, com diversos softwares livres, entre eles  $\text{\LaTeX}$  & git.  
(v. c62dfc1)

